

OTT RJ: da geografia da criminalidade à contenção territorial ¹

Bianca F. Antunes²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Considerando o papel da cidade como um território da violência em exposição no Facebook, o artigo tem como objetivo discutir de que forma a *fan page* OTT RJ, diante da contingência de uma cidade violenta, possibilita fazer uma geografia irruptiva da criminalidade na cidade, a partir das postagens no Facebook, e discutir se a mobilidade e circulação dos moradores são moldadas pela informação que circula pela internet. Nesse sentido, permite realizar uma cobertura geográfica da criminalidade elaborando uma representação cartográfica do espaço carioca. Para isso, foi feita uma análise das 12 postagens na *fan page* realizadas no dia 16 de fevereiro deste ano, data da intervenção das Forças Armadas na Segurança Pública do Rio.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; violência, geografia; Facebook; Rio de Janeiro.

Introdução:

Localizada na América do Sul e com grande visibilidade internacional, a cidade do Rio de Janeiro vem amargando, nos últimos meses, altos índices de criminalidades em função da falência da política de segurança pública do governo do estado. Sob intervenção federal das Forças Armadas, desde 16 de fevereiro deste ano, a cidade vem sofrendo com a violência diária, num processo que vem se intensificando desde o fim do ano passado, com a saída de Sérgio Cabral, do cargo de governador, e em seguida com a sua prisão.

Depois de quase uma década à frente do cargo e motivado pela saída de Cabral e pela falta de recursos para investimentos no setor, o secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame, deixou o cargo, em outubro de 2016. Ele foi responsável pela implantação, em 2008, do programa de Unidade de Polícia Pacificadora³ (UPP). Sua atuação foi marcada pela redução da criminalidade em todo estado em 2012 e em 2014, num período em que o Brasil iria receber os Jogos Panamericanos (2007), a Jornada Mundial da Juventude (2013), a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016). Durante

1 Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Doutoranda em Comunicação da UERJ, email: bianca_antunes@hotmail.com

3 <http://www.upprj.com/index.php/as_upps> Acesso em 30 de junho de 2018

o evento esportivo, o país recebeu o maior efetivo de profissionais⁴ e o esquema utilizado seria uma espécie de teste para que a cidade do Rio pudesse receber dois anos depois as Olimpíadas, em 2016.

Além disso, passada a euforia com o término dos eventos, o estado do Rio abriu 2017 com um completo caos financeiro. A crise atingiu vários setores, entre eles, a segurança pública, o que fez com que os índices de criminalidade retornassem aos registrados dez anos atrás, criando no cidadão carioca uma sensação de medo e vulnerabilidade generalizada.

Em uma década também cresceu a participação dos brasileiros e nos sites de redes sociais - SRS (Recuero, 2009), em função do avanço tecnológico, formando assim um dos maiores públicos do Facebook, a maior rede social do mundo com mais de cem milhões de usuários somente no Brasil⁵. Associadas ao crescimento da participação do Facebook, surgiram inúmeras *fan pages*⁶ inspiradas em diversos assuntos, entre eles, a violência. Nesse contexto, iremos analisar a *fan page* OTT RJ (sigla para “Onde Tem Tiroteio”), onde são publicadas por seguidores informações sobre ocorrências de crimes no estado do Rio.⁷

O que espera discutir aqui é se o uso da OTT RJ, diante da contingência de uma cidade violenta, possibilita fazer uma geografia irruptiva da criminalidade na cidade, a partir das postagens que são feitas pelos moradores. O objetivo é, com as informações levantadas, mapear as formas como o crime é percebido e ajuda a elaborar um mapa da cidade – vivida e imaginada -, sob a ótica da violência. do Rio.

Sobre a fanpage OTT RJ:

Se de um lado, temos um cenário de falência da segurança pública no estado, do outro temos uma população que, sem poder contar com a autoridade policial nas ruas, buscou na internet uma forma para encontrar informações para fugir da criminalidade. Segundo Sodré (2006, p. 9), esse aumento exponencial da violência nos centros urbanos

⁴ As ações de segurança pública, defesa e inteligência para o evento esportivo contou com o investimento de R\$ 1,19 bilhão para a integração das forças policiais dos estados, da União e das Forças Armadas.

⁵ <<https://www.facebook.com/business/news/102-milhoes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses>> Publicado em 19 de abril de 2016

⁶ Diferente de um perfil pessoal, as páginas de fãs ou *fan pages* têm como foco marcas, empresas e artistas e elas não têm limite no número de seguidores.

⁷ Consideramos seguidor aquele internauta que curtiu uma *fan page* no Facebook e que passa a receber atualizações automaticamente da página.

e primado avassalador dos meios de comunicação teria contribuído para colocar “a mídia – senão, o tipo de organização social afim à mídia no centro das interrogações sobre o fenômeno da violência”.

A OTT RJ possuía até junho 594.959 membros e 562.330 curtidas⁸ e apresenta como missão salvar os cariocas das balas perdidas, dos arrastões e das *blitzs* falsas que amedrontam a cidade maravilhosa e o Brasil e com o objetivo principal de ajudar as pessoas a andar nas cidades brasileiras com segurança, tirando-as das rotas de conflitos armados. Nela, são publicadas informações, fotos e vídeos sobre ocorrências de violência na cidade e no estado do Rio enviadas por seguidores. Trata-se de uma página onde milhares de cariocas mantêm uma participação ativa inserindo informações sobre violência e atuando como um produtor de informações, uma das principais características da Comunicação Mediada pelo Computador (PRIMO, 2003) e da Web 2.0 (O’REILLY, 2005). Uma iniciativa que surgiu frente à falência dos modelos de ordenação e segurança e à necessidade de uma comunicação em defesa dos Direitos Humanos. Pode ser considerada também uma experiência significativa que ocorre no ambiente online onde o indivíduo, na falta de fontes oficiais do estado, cria e recria a informação de forma colaborativa e com auxílio da comunicação mediada pelo computador.

A página surgiu a partir de uma ideia do petroleiro Benito Quintanilha, que já usava o perfil pessoal para postar alertas sobre tiroteios na cidade, e que foi ganhando seguidores. Atualmente, uma equipe de cerca de 90 colaboradores assíduos checa todos os alertas, como o técnico em logística, Henrique Caamaño, de 49 anos, que disse em entrevista ao site Colabora:⁹ “Todo mundo quer se proteger e proteger sua família. Queremos evitar que as pessoas corram perigo [...] Não encontramos dificuldades para obter esses dados. Até ladrão ou traficante não quer sua família atingida por bala perdida”. A página da OTT também está no Instagram, no Telegram, no Twitter e no Whatsapp e o objetivo do grupo é formar a maior rede voluntária de segurança do Brasil.

Dessa forma, buscamos aqui apresentar e relacionar as condições tecnológicas disponíveis no Facebook, como conectividade, instantaneidade, interatividade e georreferenciamento, a velocidade do compartilhamento da informação como forma de potencializar a visibilidade do material postado na página analisada e dar indícios dos

⁸ <<https://www.facebook.com/OTTRJ/>>. Números de 30 de junho de 2018.

⁹ <<http://projetocolabora.com.br/cidades/onde-tem-tiroteio/>>

locais onde a violência está mais presente. Tais condições tecnológicas do Facebook apontam que não é possível mais falar em áreas conflagradas na cidade, já que a criminalidade vem se deslocando e acontecendo em vários lugares e a qualquer momento.

Metodologia:

Apropriando-se do ciberespaço como fonte de pesquisa, foi realizada a etnografia na internet (Fragoso, Recuero e Amaral, 2011; Konizets, 2002) como aporte metodológico. Utilizando um método interpretativo e investigativo na *fan page* OTT RJ, iremos verificar se é possível fazer uma geografia irruptiva da criminalidade do Rio e quais as consequências disso na mobilidade e circulação dos moradores do Rio.

Para análise, foi escolhida a data do anúncio da intervenção das Forças Armadas na Segurança Pública do Rio, em 16 de fevereiro deste ano. O recorte dado à análise contempla 12 publicações postadas neste dia na *fan page*. Em função do caráter dinâmico do Facebook que permite a alteração dos dados digitais pelos usuários a todo momento (com a inclusão e exclusão de informações), iremos nos ater a análise de cerca de 50 prints realizados no dia 17 de junho deste ano, dos comentários dessas postagens, trazendo assim um retrato mais atualizado desse material.

O critério de escolha das publicações não foi apenas pelo viés da audiência, mas pela relevância qualitativa do discurso violento na própria postagem. Ademais, os dados quantitativos complementaram as descrições e análises das dinâmicas como, por exemplo, a forma escolhida pelos seguidores para postar informação (vídeo, foto ou texto) e ainda os números de curtidas, comentários, compartilhamento e visualização das 12 publicações. A partir dos rastros digitais (RECUERO, 2009, p. 24), que são os dados interacionais tão valiosos para o seu funcionamento e que possibilitam visualizar as informações deixadas nas publicações pelos respectivos usuários, poderemos ainda identificar como se estabelece a relação dos seguidores da *fan page* com a cidade.

Outro dado importante diz respeito ao tipo e a localização das áreas onde a criminalidade é mais recorrente. Tais elementos irão possibilitar uma discussão sobre a classe em que incide o crime e sobre uma cidade excludente e seletiva, inclusive, na forma como a violência se apresenta e no tipo de cidadão que sofre com ela, trazendo à tona uma geografia do crime das áreas conflagradas do Rio de Janeiro.

Tabela 1: Análise das publicações na *fan page* OTT RJ do dia 16 de fevereiro de 2018

	Local	Tipo de publicação	Repercussão
1	Complexo da Coruja, em São Gonçalo	Texto	152 curtidas 3 comentários 19 compartilhamentos
2	Manifestação na Padre, em Cascadura	Foto	202 curtidas 26 comentários 40 compartilhamentos
3	Protesto em Brás de Pina, na Penha	Foto	219 curtidas 39 comentários 37 compartilhamentos
4	Assalto em clínica de Niterói	Vídeo	99 curtidas 57 comentários 65 compartilhamentos
5	Tiroteio na Avenida Brasil, em Vila Kennedy	Texto	273 curtidas 57 comentários 58 compartilhamentos
6	Protesto em Cachamorra	Vídeo ao vivo	338 curtidas 78 comentários 122 compartilhamentos 13,9 mil visualizações
7	Protesto em Cachamorra	Vídeo ao vivo	307 curtidas 85 comentários 114 compartilhamentos 12,8 mil visualizações
8	Carros voltando na Ponte Rio-Niterói	Vídeo	898 curtidas 369 comentários 494 compartilhamentos
9	Tiroteio no Caju	Vídeo	2,5 mil curtidas 886 comentários 1661 compartilhamentos 117 mil visualizações
10	Tiroteio no Caju		2,7 mil curtidas 1,2 mil comentários 2425 compartilhamentos
11	Arrastão na Ponte Rio-Niterói	Vídeo	1,9 mil curtidas 824 comentários 1827 compartilhamentos
12	Protesto na Genemário Dantas	Texto	273 curtidas 85 comentários 85 compartilhamentos

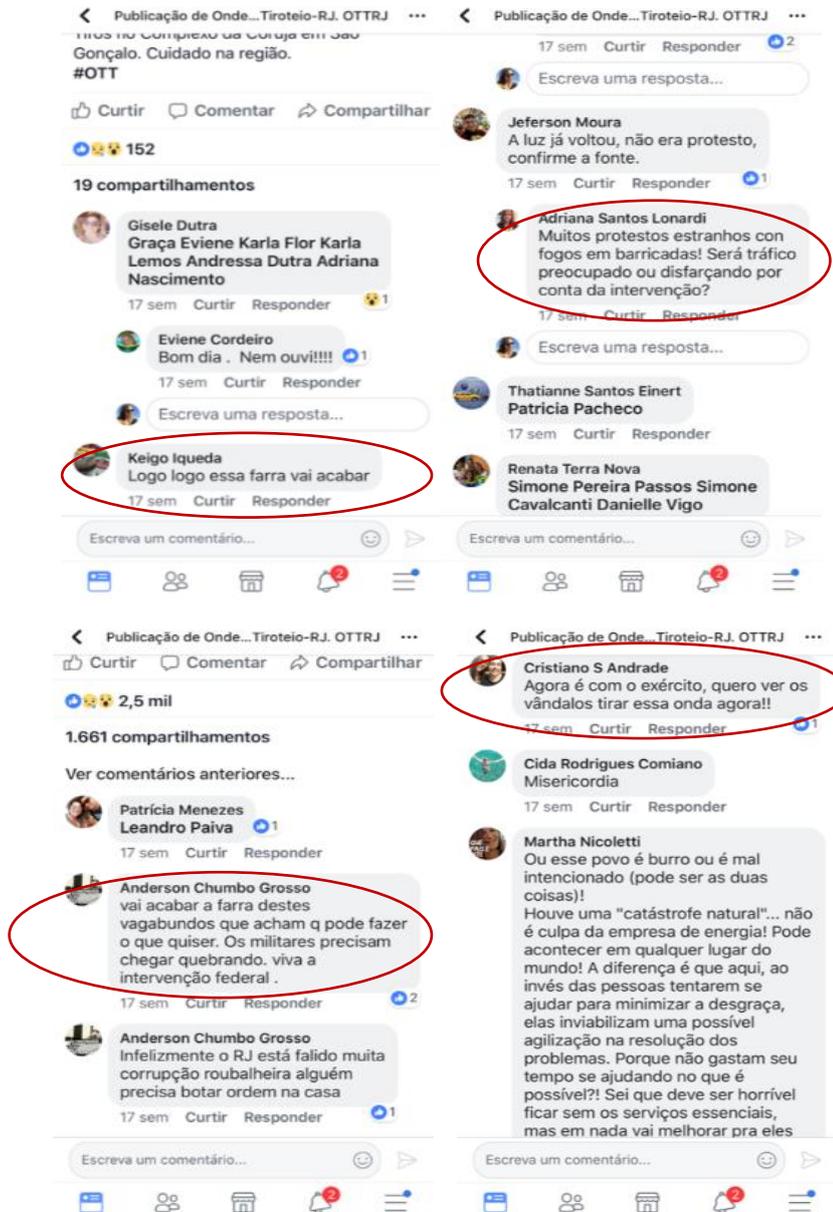
Fonte: Facebook, 17 de junho de 2018

A partir das análises, podemos verificar que as postagens permitem realizar uma cobertura geográfica da criminalidade, elaborando uma representação cartográfica do espaço carioca, ao identificar nas fotos publicadas os locais onde a criminalidade estava

acontecendo. Isso foi possível graças ao uso do recurso de geolocalização, sendo essa uma das características principais dos dispositivos móveis ao vincular o conteúdo ao local geográfico onde o internauta esteve. Nesse aspecto, Lemos e Josgrilberg (2009) destacam a importância das redes sociais móveis que permitem incluir a geolocalização e, desse modo, a localização de pessoas, criando possibilidades de encontro e/ou troca de informação em mobilidade através de *smartphones* (LEMOS, 2005, p. 95). Segundo o autor, o conteúdo dessas redes sociais móveis acentua-se pelo imediatismo do compartilhamento na rede que, muitas vezes, não faria sentido se fosse publicado posteriormente, através do computador pessoal. Já na visão do autor, com a geolocalização nos sites de redes sociais, a geografia não importa, porque o ciberespaço não corresponde ao espaço físico, mas remete-se a ele por intermédio das informações que traz sobre as cidades e o cotidiano; sendo assim, a mobilidade na rede não é necessariamente um deslocamento no espaço físico das cidades.

Vimos ainda que a violência publicada na OTT RJ não se restringe apenas à cidade do Rio de Janeiro, mas a ocorrências do estado todo, principalmente, de municípios vizinhos como Niterói e São Gonçalo. Nas publicações, há referências apenas a bairros da Zona Norte e Oeste e não da Zona Sul da cidade. Nesse sentido, a *fan page* mostra os efeitos da violência numa dinâmica social excludente que não atinge regiões privilegiadas do Rio. Com relação à intervenção na Segurança Pública do Rio, os usuários da *fan page* fazem várias referências à atuação das Forças Armadas nas postagens (figuras 1, 2, 3 e 4).

Figuras 1, 2, 3 e 4 – Usuários da *fan page* fazem referência à intervenção das Forças Armadas



Fonte: Facebook, 17 de junho de 2018

Em outro print, é possível constatar como o sentimento de insegurança se reflete nas postagens dos usuários da *fan page*, através do discurso de medo e de insegurança (figuras 5 e 6). As postagens retroalimentam um imaginário do medo que gira em torno da propalada necessidade de “não correr riscos”. Além disso, eles têm a percepção de que estamos nos referindo a uma cidade falida (figura 7 e 8).

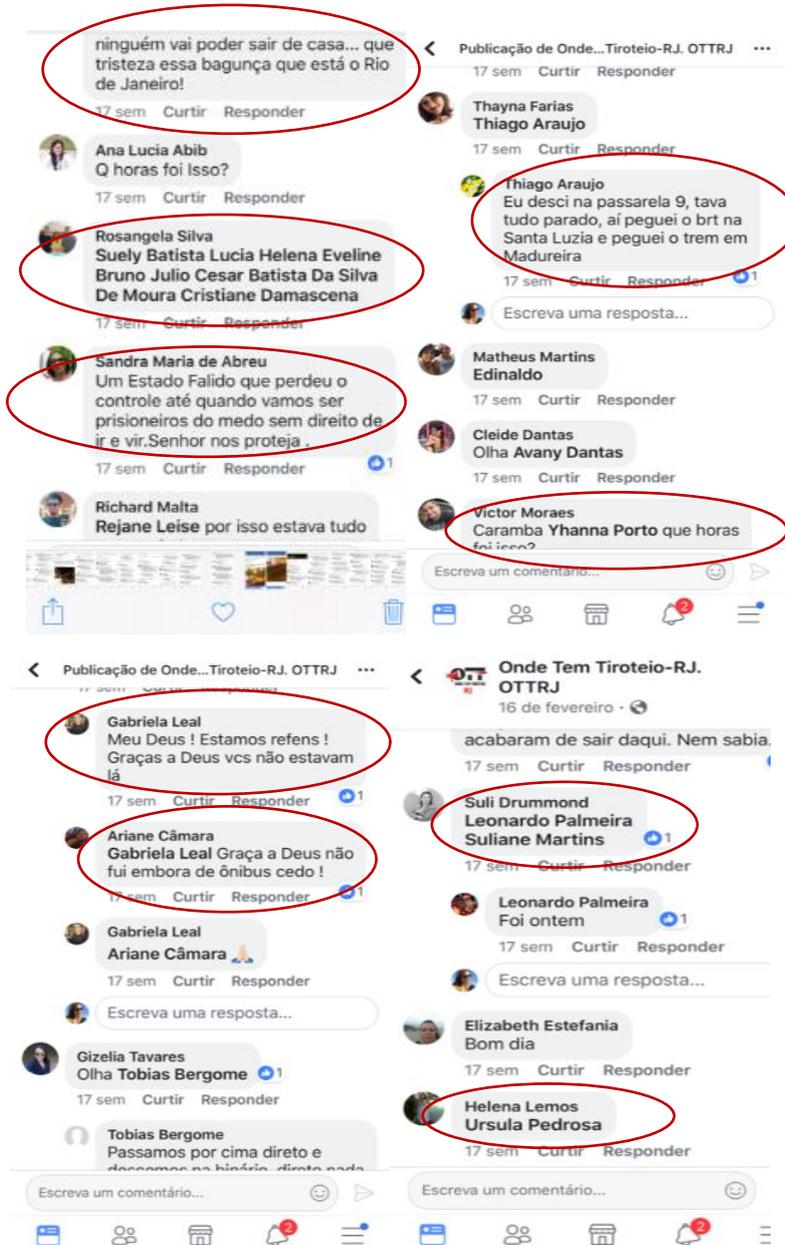
Figuras 5, 6, 7 e 8 – O discurso do medo, da insegurança e de uma cidade falida aparece nas postagens



Fonte: Facebook, 17 de junho de 2018

Em outros momentos, constatamos como as informações de criminalidade que são postadas online, quase em tempo real na *fan page*, impedem que as pessoas circulem pela cidade, criando assim o controle de acesso a certos lugares pelos cariocas e fluminenses (figuras 9, 10 e 11). Nesse contexto, eles apresentam um discurso sobre a prevenção de eventuais riscos. Eles aproveitam ainda as postagens para avisar a outras pessoas o que está acontecendo, utilizando a ferramenta do Facebook como a marcação de usuário (figura 12).

Figuras 9, 10, 11 e 12 – Usuários afirmam que deixam de circular por alguns lugares por causa da violência; fazem ainda marcação de outros seguidores



Fonte: Facebook, 17 de junho de 2018

Em todas as postagens é utilizado o recurso de # precedida pelo nome da *fan page*: OTT RJ. A *hashtag* ou *tag* é uma ferramenta derivada do Twitter, em que palavras-chave são precedidas do símbolo # (jogo da velha). Dessa forma, colaboram para a interação, ao associar a informação de cada postagem a um tema e promover a organização dos conteúdos. Adicionadas nas legendas, elas facilitam a busca pelas fotos que foram marcadas pelo mesmo assunto. Elas ainda organizam e dão visibilidade aos conteúdos e promovem organização e interações.

Geografia irruptiva da criminalidade e tecnologia para controle do território

Ao propor mapear as formas como o crime do Rio se apresenta no Facebook e como isso se desdobra em um mapa da violência da cidade em questão, estamos trazendo uma abordagem geográfica do imaginário sobre a cidade que se transforma a todo momento. Nesse sentido, é primordial apresentar o conceito de geografia que deixou de ser uma simples ciência social e vem ganhando importância e espaço nos debates contemporâneos sobre sociedade e natureza e também em um contexto cultural.

Segundo Haesbaert (2014, p. 37), o termo espaço geográfico apresentado por Milton Santos (1996) é definido a princípio como um conjunto de fixos e de fluxos ou de configuração territorial” e “relações sociais” e depois “como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”. Ele afirma que podemos considerar o espaço geográfico, partindo de uma premissa relacional, como já apontado, que envolve “tanto o universo dos objetos quanto dos sujeitos e suas ações tanto a dimensão dos elementos fixos quanto móveis, tanto a dimensão material quanto a imaterial”. Segundo ele, na expressão de Lefebvre (1986), “o conceito de espaço denota e conota todos os espaços possíveis, abstratos ou reais, mentais ou sociais”.

Ao abordar o papel da cidade como um território da violência em exposição no Facebook, deslocaremos os conceitos propostos por Haesbaert para o mundo online.

Desde sua origem, o território apresenta uma dupla conotação: material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto *terreo-territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com a dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo - especialmente para aqueles que, com essa dominação, ficam alijados de terra, ou no *territorium* são impedidos de entrar (HAESBAERT, 2014, p. 57).

Nesse sentido, vislumbramos que o monitoramento geográfico da violência por meio do aparato tecnológico informacional que se dá na *fan page* OTT RJ marca a mobilidade entre os sujeitos contemporâneos, considerando o papel da rede na internet na seleção dos locais que serão habitados. Ao falar da mobilidade moldada pela informação que circula pela internet, estamos nos referindo a uma dimensão tecnológico-informacional, em torno do que podemos denominar uma reterritorialização via ciberespaço (Haesbaert, 2014, p. 81).

Considerando a internet como espaço simbólico e o movimento e a mobilidade como elementos centrais no território, as informações que circulam na *fan page* OTT RJ acabam criando um controle não virtual, mas de acesso dos cariocas a certos lugares. De forma ampla, são notícias de violência repassadas no Facebook que têm o poder de controlar a distância a mobilidade e o fluxo de pessoas, a partir do medo. Informações que implicam no direcionamento da circulação ou na mobilidade no espaço da cidade seja como decorrência dos atos de violência em si mesmo, seja como um de seus elementos desencadeadores. Nesse contexto, o poder via tecnologia de informação (Haesbaert, 2004) faz com que se possa obter controle sobre o território a distância, gerando um monitoramento e criando uma cobertura cartográfica, numa espécie de delimitação geográfica.

Fazendo alusão à *fan page*, os seguidores da página e moradores do Rio a utilizam como uma estratégia para reduzir o risco de crime ou diminuir as ameaças à segurança. Para Haesbaert (2014, 156), “a preocupação constante como “(não) corres riscos” (ou dentro de um raciocínio de probabilidades, minorá-lo) tornou-se uma das principais características das nossas sociedades de in-segurança”. Para ele, a violência a qual ele se encontra exposto nos sites de redes sociais e que faz com ele mude o destino na cidade do Rio de Janeiro cria um processo denominado contenção territorial. Segundo o autor, ele aparece na sociedade contemporânea não como uma forma de “confinamento ou isolamento, mas de constrangimento e barragem:

Trata-se de conter o fluxo, mas não em um sentido temporalmente definitivo ou espacialmente completo, mas promovendo o controle de circulação sob arremedo de confinamento de ordem simbólica que alia, ao mesmo tempo, aparatos informacionais, constrangimentos físicos e dispositivos no campo simbólico. (HAESBAERT, 2014, p. 225)

Neste caso, estamos nos referindo a táticas e estratégias chamadas de contenção territorial da informação, no campo mais propriamente simbólico, enquanto barreiras esporádicas ou temporárias, referido à própria criação de representações sobre violência no espaço urbano.

Conclusão:

Frente à incapacidade do estado no que diz respeito ao combate à criminalidade do Rio, a intervenção das Forças Armadas na segurança pública foi, por um lado, muito criticada, e por outro, defendida. De forma geral, foi um marco importante para os moradores fluminenses que estavam em busca de uma segurança. Dessa forma, eles buscaram na *fan page OTT RJ* as principais informações sobre violência na região, tomando medidas de precaução para evitar a violência.

Pelos rastros digitais postados por eles, no dia da intervenção, foi possível se chegar às seguintes conclusões: primeiro, as informações postadas trazem as principais notícias de criminalidade, permitindo assim fazermos a identificação das ocorrências de crime mais importantes daquele dia; segundo, a partir da ferramenta do Facebook de geolocalização, foram identificadas as regiões afetadas pela violência, realizando assim uma cobertura geográfica da criminalidade numa representação cartográfica do espaço carioca. Além disso, a partir das funcionalidades da internet que são o imediatismo e a velocidade da publicação, as informações eram postadas quase em tempo real.

A partir disso, foi possível chegarmos também as seguintes conclusões: a violência afetou neste dia classes e grupos sociais de bairros das zonas Norte e Oeste do Rio, não chegando a ter informações sobre a Zona Sul, parte privilegiada da cidade, mostrando assim uma segregação sócio-espacial; além disso, não estavam restritas à cidade do Rio, mas as vizinhas Niterói e São Gonçalo, municípios esses que estão passando a sofrer com a violência que não está mais restrita à cidade maravilhosa.

A partir da criação de uma geografia do crime, os dados apontaram ainda uma delimitação geográfica a partir do cerceamento físico da mobilidade. Foi constatado que a violência interferiu na atividade escolar e funcionamento do comércio, além de gerar a privação do direito à livre circulação, gerando um processo de contenção da circulação dos habitantes das favelas. A sistematização desses dados traduz com clareza uma dialética da mobilidade que marca o espaço urbano a partir de atos de violência no sentido da obstrução da circulação.

Concluimos, segundo esta amostragem, que a OTT RJ funcionaria como um conjunto de ações preventivas que limita a liberdade do sujeito, trazendo para ele um medo presentificado, permanente e constante e que a internet modula os espaços urbanos e impõe muros invisíveis.

Bibliografia

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite**. Território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

_____, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. *Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004*.

LEMOS, André. **Cibercultura e mobilidade. A era da conexão**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 5 a 9 de setembro de 2005.

LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fabio (Org.) **Comunicação e mobilidade**: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos. 1986.

O'REILLY, Tim. *What is Web 2.0 – Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*. O'Reilly Publishing, 2005. Disponível em: <http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>>.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional. Tese de doutorado. 2003.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2014. (Coleção Cibercultura).

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, mídia e violência**. Coleção Comunicação 22. Porto Alegre, 2006. 2ª edição.